

Memória. O húngaro Alexander Lenard escreveu 16 livros, a maioria escritos em Dona Emma

Ilustre cidadão do mundo

LETÍCIA KAPPER

leticia@noticiasdodia.com.br

Um cidadão do mundo, mas, mesmo assim, um ilustre desconhecido no Brasil. Assim podemos descrever o escritor, poeta, músico, antropologista, médico, tradutor, professor e especialista em Bach, Alexander Lenard (1910-1972), que nesse ano completaria cem anos de vida. O húngaro, que falava fluentemente 12 línguas (entre elas o latim), viveu parte de sua vida e morreu em Dona Emma (SC), mas não tem nenhuma de suas 16 obras traduzidas para o português, mesmo que todas tenham sido escritas na cidade catarinense entre 1957 e 1968. No próximo dia 14 faz 28 anos de morte.

Ele é uma incógnita em terras brasileiras, mas ganhou fama nos Estados Unidos com a tradução para o latim de "Winnie the Pooh", a obra original de "O Ursinho Puff"

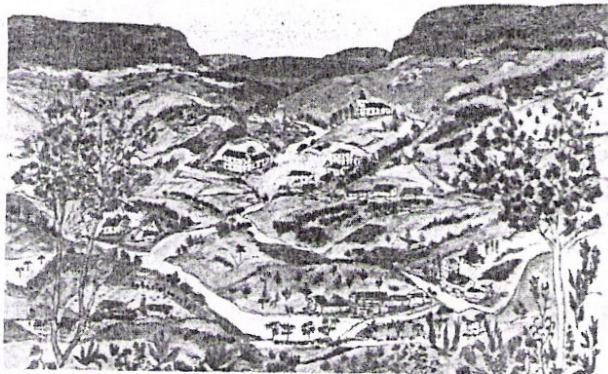
(1926), do inglês A. A. Milne. É reconhecido também na Alemanha, na Itália e na Hungria, países que têm as obras de Lenard em suas línguas. Alguns livros de poesia, todos escritos em alemão, e de prosa, todos em húngaro, o próprio escritor traduziu para outros idiomas.

O domínio de tantas línguas se deu pela volta que Lenard deu pelo mundo. Nasceu em Budapeste, no dia 9 de março de 1910, e lá viveu até seus 8 anos. Instaurado o comunismo na Hungria após a 1ª Guerra Mundial, mudou-se com sua família para Viena. Na 2ª Guerra Mundial, Hitler toma Áustria e implanta o nazismo. Lenard parte para Roma, "com um visto de turista de três meses e permanece por 11 anos", conta a viúva Andrietta Lenard, aos 89 anos. E essa lembrança não poderia ser menos viva. Lá eles se conheceram, casaram e tiveram um filho, Giovanni Sebastiano.



FOTOS REPRODUÇÃO

Erudito. Homem de grande conhecimento, Lenard, se estivesse vivo, completaria cem anos no dia 9 de março



Paisagem. Pintura feita pelo pintor que retrata o município de Dona Emma

Transferência para o Brasil

Com medo de uma possível terceira guerra, a família resolveu migrar. "O Brasil é grande e verde. Vamos para lá", disse o escritor no início dos anos 1950 a mulher Andrietta. Foram a Adrianópolis, Vale do Ribeira, São Paulo, onde Lenard passou a trabalhar como médico na mina de chumbo Plumbum.

Nessa empresa, a cozinheira era de Dona Emma e frequentemente falava das belezas do lugar, em região de vale, cheia de árvores, há 120 quilômetros de Blumenau. A cidade foi o próximo destino de Andrietta. Lenard foi a São Paulo para trabalhar como médico e acabou participando do programa auditório "O Céu é o Limite", do qual foi vencedor.

Em 1957, foi morar em Dona Emma, onde escreveu, se dedicou à

farmácia e à chácara que comprou com valor do prêmio. Em seus escritos, "suas experiências em Dona Emma são contadas com ironia, serenidade e um humorismo discreto", segundo Andrietta Lenard escreveu em artigo "Em Memória de Alexander", publicado no jornal "O Estado", de 11 de maio de 1980.

Mas a temporada na cidade catarinense terminou quando ele foi convidado a lecionar latim no College of Charleston, em Carolina do Norte (EUA), em 1967. A família já pensava em se transferir para o país, mas o fim estava próximo. Lenard retornou, em 1969, doente para Dona Emma, onde passou seus últimos três anos de vida. Morreu em no dia 13 de abril de 1972, com trombose cerebral. Foi enterrado no quintal de sua casa.



Homenagem. Autor húngaro é reconhecido em seu país de nascimento

Reconhecimento

Os jornais da época veicularam timidamente seu trabalho, e depois sua enfermidade. Ele ganhou popularidade mesmo no programa de auditório "O Céu é o Limite", no qual surpreendeu pelo conhecimento sobre o organista e compositor alemão do período Barroco Johann Sebastian Bach (1685-1750).

Em 1958, ano em que o então governador de Santa Catarina Jorge Lacerda (1914-1958) morreria num desastre de avião, o mesmo envia uma carta a Lenard o parabenizando pela conquista no programa de auditório. "O que mais me alegrou, entretanto, foi saber de sua presença em terras catarinenses", diz na carta datada de 5 de janeiro de 1958.

Tanto Lacerda como Lenard morreram jovens e deixaram muitas histórias. Lenard, ainda mais: uma vasta produção literária que aguarda ser traduzida para o português. Essa é a luta de Andrietta Lenard, que vive em São Paulo. Ela quer fazer o seu Sándor (Alexander em húngaro) viver por meio de sua obra também no Brasil. "Preciso viver mais um pouco, para divulgar ele e ele viver mais um pouco dentro de mim", diz, emocionada.